

A CPI como palanque

GAUDÊNCIO TORQUATO

Jornalista, é professor titular da USP e consultor político.
E-mail: gautorcq@diatdata.com.br

Se a CPI é um instrumento legal e legítimo, se tem sido usada rotineiramente pela Câmara e pelo Senado para apurar desvios, por que o presidente Fernando Henrique tem tanto receio em vê-la constituída? A resposta: porque a CPI será usada como instrumento político para desestabilizar o governo, corroendo sua força e enfraquecendo a figura do presidente, que passaria a ser refém da base política, no momento-chave da condução do processo sucessório de 2002. Fernando Henrique enfraquecido interessa, claro, às oposições, que fariam avançar suas tropas sobre o campo de lutas, atirando no coração da administração, alardeando corrupção por todos os lados, exprimindo uma locução das mudan-

ças e, desta forma, aplainando o terreno para os candidatos oposicionistas, sejam eles Lula, Ciro, Itamar ou Garotinho.

A estratégia das oposições está sendo alavancada por uma fatia situacionista, a partir do apoio de ACM e parcela do PMDB, que, como se sabe, está atrelado ao governo por decisão da Executiva Nacional do partido. Deduz-se, assim, que a fragilidade de Fernando Henrique interessa, também, a ACM e a setores peemedebistas. O senador baiano revigora-se com os ataques a Jader Barbalho e ao governo, passando a ser peça importante no traçado da chapa presidencial. Está o velho cacique usando de todos os meios para figurar no primeiro plano da cena política. Seu aceno positivo a Itamar é pura manobra de despiste, pois jamais o PFL somaria forças ao lado do extravagante governador mineiro. Sua intenção é, pois,

fragilizar o presidente, a fim de poder usar seu trombone na indicação sucessória. Já a linha do PMDB que se afasta do governo – os senadores Maguito Vilela, de Goiás, José Fogaça, do RS, Roberto Requião, do PR, o velho cacique Orestes Quércia, de SP, o surpreendente Itamar, de MG – ao fazer a opção oposicionista, leva em consideração as conveniências políticas regionais, afora questões de natureza pessoal, como o ranor itamarino contra Fernando Henrique.

O presidente tem toda a razão em querer evitar a CPI. Um bombardeio, com o risco de morte súbita dos grandes contendores da batalha em que se transformará a CPI, respingará sobre a imagem governamental. À margem da batalha parlamentar, se desdobrarão as fofocas sobre mais fitas envolvendo o presidente e seu ex-ministro Luis Carlos Mendonça

de Barros a respeito dos j. interesse em torno do pr de privatização das teles, recorrente história do dos man. O lamaçal poderá a Governo, deixando as o dando gargalhadas no c pré-eleitoral.

ACM, por sua vez, er posicionamento do “qua melhor”, defendida pela ções, porque emergirá co dino da moralidade, í guerra moral, o que, co mos, pode ter certo impa à opinião pública. Ocorre to sua posição quanto a medebistas do B hão de necessariamente, pelos c partidos. E as cúpulas o do PMDB são, sabie situacionistas. Mudança só ocorrerá caso a situac do País esteja balançanc duto interno bruto da i de nacional esteja alto e